

# **A LINGUAGEM INTERATIVA PRESENTE NA INTERNET: O HIPERTEXTO NA COMUNIDADE VIRTUAL**

**VASCONCELOS**, Máisa Santana  
masanvasconcelos@yahoo.com.br

**BERGER**, Maria Amália Façanha. (Orientadora)  
Graduada em Letras Português/Inglês (UFS), Mestre em Educação (UFS), Prof<sup>a</sup> dos  
cursos de Letras Português da Universidade Tiradentes – UNIT.  
amaliafberger@yahoo.com.br

## **RESUMO**

O presente artigo traz uma abordagem sobre a importância de estudos relacionados ao surgimento de novas formas de comunicação advindas do avanço das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC), mediadas pela Internet. Tem por objetivo analisar, mesmo que superficialmente, alguns aspectos da linguagem veiculada pela Internet, marcando-se os processos de banalização e/ou vulgarização que a envolvem. Para tal, foi feito um breve histórico da globalização e das implicações advinhas dos avanços tecnológicos, com destaque para a Internet e o Hipertexto, através de pesquisa bibliográfica. Como resultado, entendemos que o desenvolvimento e a utilização da Internet acabaram produzindo, entre seus usuários, o surgimento de uma linguagem própria, repleta de termos específicos, símbolos, sons, imagens, marcada pela rapidez e que precisa ser entendida em todas as suas potencialidades. A compreensão desse novo espaço de escrita e leitura - o Hipertexto - é, pois, de extrema importância para a formação do profissional docente de Letras, uma vez que o ensino deve acompanhar as demandas sociais de cada época, facilitando, com isso, o processo de inclusão.

**PALAVRAS CHAVE:** Internet, Hipertexto, Comunidade Virtual, Linguagem.

# **LINGUAGEM INTERATIVA PRESENTE NA INTERNET: O HIPERTEXTO NA COMUNIDADE VIRTUAL**

## **INTRODUÇÃO**

A globalização, nos moldes que entendemos esse processo hoje, intensificou-se no século passado, por volta de 1970, com a economia internacionalizada. Surge, então, uma nova sociedade, marcada pelas novas tecnologias e caracterizada pela hegemonia dos Estados Unidos, onde nasceu a Internet com fins bélicos, em pleno contexto da Guerra Fria.

Com o fim dessa guerra, marcado pela queda do muro de Berlim, a Internet ganha outra utilidade, sendo usada para fins educacionais e, mais tarde, para todos os tipos de uso como hoje a entendemos. A propagação dessa poderosa ferramenta comunicacional aconteceu e está acontecendo de forma altamente acelerada, mas, ainda deixa muitas pessoas excluídas, principalmente nos países de terceiro mundo.

O contexto terminológico, como explica Gaudin (1993), é uma prática e responde pelas necessidades sociais. O avanço da tecnologia permitiu a ampliação e a padronização do vocabulário, em área de especialidade, de forma a atender a necessidades em situação de uso; uma questão social e histórica. Nesse universo, a Internet tem se tornado um dos meios de difusão de mensagens mais acessíveis e, desse modo, sua linguagem também se propagou e se tornou globalizada.

Este artigo tem por objetivo, analisar, mesmo que superficialmente, alguns aspectos da linguagem veiculada pela Internet, marcando-se os processos de banalização e/ou vulgarização que a envolvem. O interesse pela pesquisa surgiu das manifestações do uso da terminologia, no campo da informática e, em conseqüência, o revolucionário uso da Internet,

interatuante no processo de vulgarização dos termos, uso na área técnica. Enveredar por essa área foi essencial, visto que o vocabulário terminológico determina-se pela reflexão coletiva e interliga-se a um sistema de padronização do uso social, interagindo linguagens.

## **A ERA DA COMUNICAÇÃO VIRTUAL**

O final de século vinte ficou marcado pela aceleração do processo da globalização, derrubando fronteiras, nos vários campos do universo de conhecimento cultural, social e histórico. A chamada globalização tem sido elemento de amplos estudos e discussões, enfatizando múltiplos fatores e manifestando várias tendências, como a divulgação rápida de informações, tanto na área social quanto na técnica. Nesta perspectiva, afirma Soares (1997) que:

o maior instrumento da globalização cultural na sociedade tem sido certamente o conjunto das redes de comunicação de massa. A abrangência, extensão e eficácia dessas redes estão na raiz das maiores transformações na virada do século (SOARES *apud* MARCUSCHI, XAVIER, 2005, p. 122),

Uma das marcas da globalização é a velocidade com que evolui a tecnologia. Desde o seu advento, no final da década de 1980, hoje, ainda com mais intensidade, a informática, responsável pelo avanço da tecnologia, tem contribuído para a melhoria da qualidade dos serviços, em todas as áreas de conhecimento, além da rapidez e precisão de dados, com que tais serviços são executados.

A rede mundial de computadores, plugados mundialmente, permite ao usuário o acesso a informações do mundo todo. Desse modo, ele troca, armazena e obtém informações globalizadas. Hoje, um adolescente do interior da Bahia é capaz de comprar CDs de músicas em um site do sul dos Estados Unidos, assim como um engenheiro, recém-formado na Bélgica, pode encontrar um bom emprego em qualquer outro país europeu, conforme disponibilidade do sistema virtual de informações.

Neste sentido, o desenvolvimento e a utilização da Internet acabaram produzindo, entre seus usuários, uma linguagem própria, repleta de termos típicos, ou seja, todo usuário, de uma maneira ou de outra, acaba compreendendo o conjunto da rede e os termos que determinam seu conteúdo e funcionamento.

O aparecimento de uma linguagem universal, no seu sentido amplo, é um dos aspectos mais importantes da globalização. Assim, o inglês acabou fixando-se nessa linguagem, envolvendo, também, a padronização das palavras e dos conceitos sociais. Segundo Soares (*apud* MARCUSCHI, XAVIER, 2005, p. 122), esse talvez seja: “o processo mais eficaz que a história conhece no plano da instauração de uma língua transnacional, ultrapassando modelos imperialistas tradicionais ou processos colonialistas convencionais”.

Tratando-se da aquisição rápida da informação, a Internet dispõe de um recurso democrático, que são os chamados links, isto é, ao clicar sobre eles, o computador faz uma busca automática, de uma imagem ou documento, estejam onde estiverem, em qualquer lugar do mundo. E, para isso, não há necessidade de se saber, caso não seja importante, de onde vem a informação e/ou quem a escreveu.

Para Lévy (1996), um texto digitalizado permite novos tipos de leitura: uns textos se conectam a outros por meio de ligações hipertextuais, possibilitando o exame rápido de conteúdo, acesso não linear e seletivo do texto, segmentação do saber em módulos, conexões múltiplas, processo bem diferente da leitura em papel impresso. Ao utilizar a hipertextualização, o interlocutor tem a oportunidade de ampliar as ocasiões de produção de sentido e enriquecer sua leitura. O hipertexto tem a capacidade de retomar e transformar antigas interfaces da escrita.

Tratando-se da globalização da economia, o aparecimento de uma base cultural realmente universal. Dentro desta perspectiva, Sabbatini (1996) dá o exemplo da Coca-Cola, que foi uma das primeiras indústrias multinacionais a se propagar pelo mundo, assim como a

livraria virtual [www.amazon.com](http://www.amazon.com), que tem mais de um milhão de títulos de livros, na qual é possível pesquisar, usando-se palavras-chave e comprar, com um simples clique do mouse.

Não importa onde fica esta livraria, ela pode estar em qualquer lugar, até mesmo num fundo de garagem numa cidadezinha do interior de um país qualquer. Segundo Sabbatini (1996), para comprar na Internet, basta um cartão de crédito internacional, ou seja, é a economia global, plugada na cultura global, e vice-versa.

### **A INTERNET: LINGUAGEM INTERATIVA E PERSUASIVA**

Grande parte dos avanços tecnológicos está no processo evolutivo da comunicação, conduzindo-se para uma maior democratização do saber e da informação. A comunicação virtual introduz um conceito de descentralização da informação e do poder de comunicar. Todo computador, conectado à Internet, possui a capacidade de transmitir palavras, imagens e sons. Não se limita apenas aos donos de jornais e emissoras; qualquer pessoa pode construir um site na Internet, sobre qualquer assunto e propagá-lo de maneira simples.

O espaço cibernético tem se tornando um lugar essencial, um futuro próximo de comunicação e de pensamento humano. Esse espaço abre possibilidades de comunicação completamente distinta da mídia clássica, pois como afirma Lévy (2000:13) todas as mensagens se tornam interativas, ganham uma plasticidade e têm uma possibilidade de metamorfose imediata.

Pode-se dizer que a Internet é um meio de comunicação que se enquadra no dispositivo "Todos e Todos". Ela proporciona a interação entre locutor e interlocutor, uma vez que, na rede, qualquer elemento adquire a possibilidade de interação, havendo interconexões entre pessoas dos mais diferentes lugares do planeta, facilitando, portanto, o contato entre elas, assim como a busca por opiniões e idéias convergentes.

Uma prova da eficiência da Internet, em construir esse ideal de propagação de mensagens e opiniões, está na multiplicidade de temas que podem ser encontrados nela. Além dos sites, as listas de discussão, que agregam pessoas interessadas em um dado assunto, também merecem consideração. É nesse ponto que a Net se sobressai, pois integra e condensa nela todos os recursos de todas as formas de comunicação, como o jornal, por exemplo.

Além disso, há a questão da dinamicidade e da interatividade: o hipertexto, diferentemente de um texto de jornal ou revista em papel, está constantemente em movimento. Sobre este aspecto, afirma Lévy (1993, p.41), “com um ou Dois cliques, obedecendo por assim dizer ao dedo e o olho, ele mostra ao leitor uma de suas faces, depois outra, um certo detalhe ampliado, uma estrutura complexa esquematizada”.

O hipertexto permite todas as dobras inimagináveis, ou seja, há um movimento constante de dobramento e desdobramento de um texto e/ou das informações. É aqui que se instalam as diferenças entre a interface da escrita (papel) e a interface virtual.

Segundo Koch (2002), todo texto é um hipertexto, partindo do ponto de vista da recepção. Sob sua ótica, tratando-se da relação do hipertexto eletrônico, a diferença incide somente no suporte e na forma e rapidez do acesso. Para Marcuschi:

o hipertexto é visto como algo totalmente inovador; porém, a novidade se instala na tecnologia, que proporciona a integração de elementos (notas, citações, referências etc.) que aparecem no texto impresso, havendo a linearização do deslinearizado e a deslinearização do linearizado, ou seja, subvertendo os movimentos e redefinindo as funções dos constituintes textuais clássicos. Marcuschi *apud* Koch (2002, p.67),

A linguagem da Internet tem seus pressupostos que, naturalmente, estão caminhando para um novo modelo de comunicação. A Internet já se transformou num veículo de comunicação com uma linguagem acessível à maior parte dos hiperleitores. Desse modo, há uma exploração dos termos dessa área, os quais são transferidos para o contexto social e divulgados como uma linguagem global.

Assim sendo, as mensagens veiculadas nos sites são destinadas a todo tipo de público. No entanto, o locutor precisa estar sempre atento ao emprego de uma linguagem adequada, uma vez que, "Não é só quem escreve que significa: quem lê também produz sentidos", afirma Orlandi (2000, p.101).

Prosseguindo neste eixo, acerca da preocupação do locutor para com seu interlocutor, quando da veiculação das mensagens nos sites, fez-se necessário tratarmos, ainda, da questão da persuasão. A Web é uma excelente ferramenta para marketing, vendas e publicidade. Porém, isso não se limita apenas à comercialização de produtos, propriamente ditos, mas também aos textos, que podem combinar ilustrações coloridas, trechos de vídeo e som, os quais o interlocutor pode selecionar e percorrer com um simples toque no mouse. Em outras palavras, a Internet tem um grande poder mercadológico que pode ser usado, tanto para a realização de vendas de produtos e serviços, quanto para a distribuição de informações, o que não deixa de ser um marketing.

Utilizando-se dos mais variados recursos, acerca da língua e da linguagem, o homem vem, cada vez mais, criando meios para suprir suas necessidades de se comunicar, interagir com o mundo que o cerca e ampliar seus conhecimentos, constituindo, desse modo, um conjunto de linguagens técnicas.

Cada tipo de linguagem tem e apresenta a sua natureza, manifestando-se por diferentes tipos de elementos lingüísticos e, através deles, os extralingüísticos, apontando suas características e especificidades, passíveis de reconhecimento. Neste sentido, a linguagem virtual, abordada nesta pesquisa, não é uma exceção, pois ela apresenta características particulares de uma área técnica e/ou de especialidade, a informática (Internet).

Existe assim, a necessidade de se gerar conceitos, o que tem suscitado a criação de termos e/ou de expressões originais. Este processo de criação está associado à necessidade de

designar 'algo', de uma forma clara e precisa, utilizando termos objetivos e de baixa conotatividade, com o intuito de asseverar a exatidão e desviar da ambigüidade dos sentidos.

Diante de uma grande variedade de linguagens (técnica, comum, vulgarizada / banalizada) percebe-se que cada uma corresponde às finalidades específicas das várias situações de comunicação. Daí, a importância de todo falante estar apto a compreender tais linguagens, como forma de enriquecer o seu vocabulário com as linguagens comuns e de especialidade e de ganhar precisão nos mecanismos de substituição automática dos vocábulos, lia passagem de um universo de discurso a outro (Barbosa, 1996).

## **CONHECENDO AS CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM VIRTUAL**

Para se conhecer sobre as características da linguagem virtual foram obtidas informações a partir do trabalho realizado por Robin (1973), em que os dados foram reciclados e divididos em quatro etapas, sendo que, em duas delas, três foram agrupadas em sub-temas. Em seguida, os dados foram analisados, com o objetivo de verificar a difusão e a compreensão da linguagem da Internet pelos usuários, e a configuração dessa linguagem como globalizada.

Num terceiro momento, os dados foram cruzados, por grupos, com o intuito de legitimar ainda mais a pesquisa. No primeiro tema, Função da Internet, no segundo tema: discurso; no terceiro persuasão e no quarto sobre a impressão geral na Internet.

Além disso, a presença das palavras inglesas foi citada, por alguns informantes, porque dificulta a compreensão das mensagens, porém não impede a compreensão da por meio da análise e discussão dos resultados, constatou-se a presença dos dois primeiros elementos vinculados à Internet: Comunicação / Interação e Interlocutor / Usuário; e, ainda, um terceiro elemento que simboliza o objeto de interesse de nossa pesquisa: linguagem da

globalização. Vinculados a este último, estão os quatro temas que fazem parte da constituição de uma tipologia, a qual caracteriza a linguagem da Internet e satisfaz as necessidades do usuário, enquanto interlocutor.

No Dicionário Aurélio - Século XXI, por exemplo, já se encontram registrados os termos e-mail, site, web, chat, net, link, backup, hacker, homepage, html, on-line, off-line, login, logoff, network, interface, internet, como empréstimos; digitalizar, deletar, acessar, anexar, clicar, inicializar, navegar, escanear, como empréstimos adaptados de derivação; disquete, hipertexto, mídia, hipermídia, ícone, navegador, servidor, protocolo, vírus, como empréstimos traduzidos, entre outros.

### **CONHECENDO A LEITURA, TEXTO E HIPERTEXTO**

Muito já se escreveu sobre leitura, segundo as mais diferentes perspectivas e propósitos. Neste artigo, apresenta-se também algumas idéias originais, outras nem tanto; o objetivo é realimentar o debate referente à leitura enquanto processo de co-produção de sentido de textos e hipertextos.

Talvez o aspecto pouco abordado pela lingüística brasileira tem sido as possibilidades de mudança nos processos de leitura por causa do uso intenso das novas tecnologias de comunicação, especialmente do hipertexto na Internet, o qual precisa-se aprender a conviver desde já e no porvir, para não ficar à margem dos avanços tecnológicos proporcionados também pela concepção globalizante da Tecnocracia que universaliza o modo e as relações de produção dos bens materiais e simbólicos do homem contemporâneo.

Por ampliar ilimitadamente o sistema de relações referenciais do leitor pelo acesso a vários hiperlinks, o hipertexto torna-o potencial cidadão do mundo, já que pode lhe fornecer dados, não completos ou totais, das mais poderosas e influentes personalidades, organizações

e instituições em atividade no momento, desde que tais entidades os tenham disponibilizados na rede, claro, o que não tardará muito para acontecer. Hoje já são aproximadamente 6 bilhões de webpages indexadas à Internet.

Paulo Freire, um dos maiores educadores que o Brasil e o mundo já conheceram, imortalizou-se pelo seu método de alfabetização, cujo fundamento principal é ensinar a ler a partir do universo vocabular do próprio alfabetizando. Nesta perspectiva, o educador afirmou que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Daí, que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Com isto, o mestre pernambucano lançava uma obviedade genial, pois, de fato, não se lêem palavras isoladas de um mundo referencial possível em que elas se inserem e somente a partir delas fazem sentido para qualquer aprendiz de leitor. (Freire, 1987, p.11)

Segundo XAVIER:

Na esteira da leitura do mundo pela palavra, vemos emergir uma tecnologia de linguagem cujo espaço de apreensão de sentido não é apenas composto por palavras, mas, junto com elas, encontramos sons, gráficos e diagramas, todos lançados sobre uma mesma superfície perceptual, amalgamados uns sobre os outros formando um todo significativo e de onde sentidos são complexamente disponibilizados aos navegantes do oceano digital. (XAVIER, 2004, p.171)

É assim o Hipertexto. Com ele, ler o mundo tornou-se virtualmente possível, haja vista que sua natureza imaterial o faz ubíquo por permitir que seja acessado em qualquer parte do planeta, a qualquer hora do dia e por mais de um leitor simultaneamente.

O hipertexto concretiza a possibilidade de tornar seu usuário um leitor inserido nas principais discussões em curso no mundo ou, se preferir, fazê-lo adquirir apenas uma visão geral das grandes questões do ser humano na atualidade. Certamente, o hipertexto exige do seu usuário muito mais que mera decodificação das palavras que flutuam sobre a realidade imediata. Aliás, qualquer leitura proficiente de um texto impresso tradicional leva sempre o leitor a lançar mão de seus conhecimentos enciclopédicos, cobra-lhe intenso esforço de atos inferenciais, preenchimentos de lacunas e interstícios deixados pelo autor, até porque o texto,

em qualquer superfície, não pode dizer tudo, por motivos óbvios de falta de espaço e obediência às regras do próprio jogo que constitui as linguagens.

A leitura do mundo, da realidade que circunscreve o leitor de Paulo Freire passa a ser profundamente alargada pelo hipertexto. Esse, em tese, deve expandir os horizontes de expectativa e de surpresa do leitor a patamares inimagináveis. O hipertexto reúne condições físicas de materializar a proposta paulofreiriana até as últimas conseqüências. Se para ler/entender a palavra é necessário saber ler antes o mundo, conforme apregoava o educador, o hipertexto vem consolidar esse processo, uma vez que viabiliza multidimensionalmente a compreensão do leitor pela exploração superlativa de informações, muitas delas inacessíveis sem os recursos da hipermídia.

Alguns estudiosos contemporâneos têm se debruçado sobre esta revolucionária tecnologia de linguagem que à medida que desafia os modelos historicamente estabelecidos de produção e compreensão de textos, também propõe alternativas outras de abordá-los e entendê-los. Há aqueles que já começam a advogar a superioridade do texto eletrônico em relação ao impresso tradicional, como o fazem Theodore Nelson (1991), criador do termo hipertexto, Bolter (1991) e Landow (1992). Entretanto, Foltz (1996) afirma ser ainda cedo para se defender uma posição tão eufórica quanto a deles. As pesquisas indicam que é preciso considerar vários fatores antes de anunciar categoricamente as vantagens do hipertexto, especificamente no que tange as formas do processamento cognitivo das informações.

A utilização de procedimentos metodológicos diferentes apontaram, de uma forma ou de outra, para uma necessidade dos internautas reajustarem as suas estratégias de leitura em função das especificidades de formatação textual propostas pelo hipertexto, para só assim começarem a tirar proveitos dessa nova sistemática de organização e acesso à informação. O problema maior que eles levantam consensualmente é a inexistência, no momento, de um

modelo teórico para dar conta do processamento cognitivo quando a leitura é feita no hipertexto.

Nesta perspectiva, se a escrita é de fato uma projeção da mente do escritor, uma espécie de extinção do seu autor no sentido que McLuhan (1969) defende em *Os meios de comunicação como extensão do homem*, os artifícios adicionais advindos da nova tecnologia de linguagem dar-lhe-ão condições favoráveis para presentear o seu leitor um plano de significação muito fiel ao que havia imaginado, um fac-símile do que projetara dizer. Em outros termos a possibilidade.

A leitura no hipertexto potencializa, através dos hiperlinks nele dispostos, a emancipação do leitor da superfície pluritextual sobre a qual centraliza temporariamente a sua atenção. A partir daqueles elos virtuais, o hipernavegador pode seguir por rotas diferentes das originalmente organizadas pelo seu autor. Ao atualizar o hipertexto e percorrer seus links, o hiperleitor estará realizando tentativas de compreensão, efetivando gestos de interpretação ou de uso, porque, em última análise, é ele mesmo quem define a versão cabal do que será lido e compreendido. O navegador ao se deixar seduzir pela força da imprevisibilidade latente em tais ligações digitais poderá descobrir fatos e histórias interessantes, mas poderá também se emaranhar em uma teia intrincada e confusa que o fará perder tempo precioso com coisas frugais.

Os que defendem o hipertexto como Nelson, Bolter e Landow, chegam a pregar a morte da autoria no sentido da extirpação dos direitos de publicação de uma obra. O hipertexto, espreado na interligada rede digital, seria o golpe de misericórdia no conceito de autor dono exclusivo de suas idéias e, portanto, herdeiro legítimo dos benefícios financeiros delas advindos. A maioria dos autores considera seus escritos partes da sua mente, logo sua propriedade inalienável. Uma vez na rede, as idéias passam a pertencer a todos os usuários e a

nenhum deles, pois os escritos que se hospedam em um determinado lugar (endereço) da WEB podem ser facilmente transferidos para outro(s) por meios de links.

Como estão interligados pelos diversos servidores de acesso à malha informacional, os discursos pluritextuais produzidos por internautas, com ou sei prestígio acadêmico, se cruzam, se interpõem, se ratificam, se contradizem, respeitam, ou se insultam, se unem ou se digladiam, enfim estão lá indiscriminadamente hospedados em sítios justapostos à espera das análises e avaliações, daqueles hiperleitores que por eles se aventurarem e deles quiserem fazer mu tos e variados usos ou interpretações, mas, claro, não todos (as) ou qualquer, um(a).

Uma das conseqüências da modalidade hipertextual de leitura seria, para alguns, o risco provocado pelo excesso de informação. A superaburdância do ato de ler redundaria inevitavelmente no afogamento, na asfixia do leitor no oceano de informação. Ora, Chartier (1997, p. 110) nos lembra que este é um temor antigo; perigo similar já fora alardeado no passado, quando da invenção da imprensa por Gutenberg, mesmo antes de o livro chegar ao seu apogeu com a industrialização das tipografias no século XIX e com a multiplicação das tiragens de versões de bolso no início do século XX.

Quanto maior a quantidade e, obviamente, a qualidade da informação já que pessoas sérias e honestas continuarão a existir e a influenciar outras, recorrendo para isso também ao hipertexto - maior será a probabilidade de o leito ponderar e decidir com mais talante, ainda que sob a pressão normal dos vetores sócio-histórico-ideológicos. O leitor, agora inserido em uma comunidade virtualmente desterritorializada e potencialmente mais informada terá mais participação na constituição do seu saber pela maior construção do sentido de hipertexto que vier a ler, já que poderá verificar imediatamente o grau de veracidade ou fundamentação de certos argumentos que costumam sustentar posições e ações de personalidades e instituições que exercem forte influência sobre o presente e o futuro dos cidadãos da recém chegada sociedade da informação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Costuma-se dizer hoje que alguns aspectos da textualização mudaram com o surgimento das novas tecnologias de escrita, como por exemplo, o hipertexto e que estariam sendo necessárias revisões de noções tais como linearidade, estrutura, coesão e coerência, entre outras. Contudo, já parece claro que novas tecnologias, em geral, não abalam alicerces vizinhos; quando muito podem sugerir novos pontos de vista de leitura mais cômodo.

Nesse sentido, a construção deste artigo levou-nos a uma reflexão sobre os experimentos sobre o hipertexto, reforçando a idéia de que o mesmo não traz em si nenhuma transformação miraculosa para os atos de ler e aprender. O hipertexto precisa ser visto como um formato de habilidades de leituras variadas, dependendo da tarefa que ele precisa desempenhar. A compreensão de um texto envolve o texto em si, ou seja, o material com o qual o leitor vai lidar (gênero, suporte), suas características (que vão orientar as estratégias de leitura, que o leitor vai usar na lide com esse texto), a situação de comunicação, os objetivos de leitura, o conhecimento do leitor sobre o assunto, sua familiaridade com o gênero, o suporte, o assunto e a tarefa, seu interesse e motivação, entre outros.

Sabendo que a leitura é uma atividade cognitiva tão complexa e multifacetada, precisamos continuar concentrando nossos esforços nas tentativas de explicar o que são textos, como eles funcionam, que habilidades requerem dos leitores e como desenvolver nesses leitores essas habilidades, para que eles sejam capazes de lidar com os mais diferentes gêneros e formatos de textos, principalmente quando se trata do hipertexto.

Esse artigo é de fundamental importância para o Curso de Letras por trazer uma sugestão de atualização tecnológica, sobretudo com a linguagem interativa presente na Internet através do hipertexto na comunidade virtual. Espera-se que este trabalho possa

contribuir para apontar caminhos para reflexão e atuação para o relacionamento entre as tecnologias e o trabalho pedagógico do professor, de maneira que este se descubra um profissional em permanente aprendizagem e transformação, participando da estruturação de uma escola cada vez mais integrada e interligada à realidade de seus alunos, colocando-se como elemento vivo do processo coletivo de construção de conhecimentos.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernadete. **Interação na Internet**. Novas formas de usar a linguagem. Editora Lucerna.
- BARBOSA, M. A. 1996. **Dicionário, vocabulário, glossário, concepções**, In: A constituição da normalização terminológica no Brasil. Ieda Maria Alves (Org.) – (Cadernos de Terminologia, 1), São Paulo: FFLCH/CITRAT, p.23-45.
- BOLTER, Jay David. 1991. **Writing Space: The Computer Hypertext and history of Writing**. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum.
- FERREIRA, A. B. 1999. **Novo Aurélio Século XXI**: O dicionário da língua portuguesa – 3.<sup>a</sup> ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FOLTZ, Peter, W. 1996. **Comprehension, Coherence and Strategies in Hypertext and Linear Text**. In: Rouet *et al.* Hypertext and Cognition, Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum, pp.109-136.
- FREIRE, Paulo. 1987. **A importância do Ato de Ler**. São Paulo: Editora Cortez.
- GAUDIN, F. **Conferência Inaugural – Implantations dès Termes Officiel**. In: Terminologies Nouvelles, vol. 12, Rouen, Actes Du Seminaires, dezembro, 1993 In: LAFACE, A. Compilação de textos (Artigos utilizados nas aulas de pós-graduação e em vias de publicação – s/d. Assis: FCL/UNESP.
- KOCH, Ingedore Grunfield Villaça. 2002. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez.
- LANDOW, George P. 1997. **Hypertext 2.0: The convergence of contemporary critical theory and technology**. Baltimore, London: University Press.
- MARCUSHI, Luiz Antônio. 2002a. **Gêneros textuais emergentes e atividades lingüísticas no contexto da tecnologia digital**. Conferência apresentada na USP por ocasião do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo acontecido entre os dias 23-25 de maio de 2002.
- MARCUSHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos.(orgs) **Hipertexto e\_gêneros\_digitais**. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro : Lucerna 2005.
- NELSON, Theodor H. 1992. **Opening hypertext: a memior**. In: M. C. TUMAN (ed.) Literacy Online. Pittsburgh, University of Pittsburgh Press, pp. 43-57.
- ORLANDI, E. P. 2000. **Discurso e leitura**. Campinas: Cortez
- ROBIN, R. 1973. **História e Lingüística**. São Paulo: Cultrix.

SABBATINI, R. M. E. **Internet, globalização e cultura**, In: Jornal Correio Popular, Campinas, 09/1996. Disponível em: <<http://www.epub.org.br/correio/index.html>>.

SOARES, D. A. **Globalização numa perspectiva sociocibernética**, In: Revista Contracampo, n.º1. Mestrado da UFF, jul/dez/1997. Disponível em <<http://www.uff.br/mestcii/cc2.htm>>

XAVIER, Antônio Carlos. 2002. **O Hipertexto na Sociedade da Informação: a constituição do modo de enunciação digital**. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, UNI-CAMP. Tese de Doutorado em Lingüística, mimeo.